



## **Panela Literária – site sobre a literatura do Espírito Santo<sup>1</sup>**

Adonai Ferreira de Oliveira<sup>2</sup>

Maria Emília Pelisson Manente<sup>3</sup>

Faculdades Integradas São Pedro – Faesa, Vitória, ES

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma análise sobre o uso do Jornalismo Literário, que contesta a estrutura padrão do texto jornalístico e a fria prática da cobertura diária dos periódicos cuja maior preocupação é o furo jornalístico, partindo para o espaço que ele galga na Internet, onde seu uso, ainda, não pode ser considerado expressivo. Alia-se essa lacuna com a escassez de páginas online destinadas à produção literária que há no Espírito Santo, tida como marginalizada por uma série de questões históricas, econômicas e culturais. Das análises da Literatura Capixaba e do Jornalismo Literário na Internet, surge o *Panela Literária*, site que propõe unir os dois objetos de estudo num espaço só, resultando nos perfis biográficos dos escritores capixabas.

**PALAVRAS-CHAVE:** texto jornalístico; jornalismo literário; webjornalismo; perfil biográfico; literatura capixaba.

### **INTRODUÇÃO**

O Jornalismo Literário é aquele que rompe com a usual pirâmide invertida<sup>4</sup>, com o lead<sup>5</sup> e opõe o conceito de notícia – que está ligada diretamente ao acontecimento factual e os critérios de noticiabilidade<sup>6</sup>. Ele ultrapassa a narrativa cotidiana e proporciona visões diferentes e amplas da realidade. Para Penna (2006), o Jornalismo Literário garante a perenidade e profundidade dos relatos.

Com a chegada da Internet, esse estilo de texto jornalístico encontrou outro campo ao qual pudesse se adequar e expandir. Entretanto, ainda não é muito usual encontrarmos sites com conteúdo em Jornalismo Literário específico para a rede. Quando se parte na busca de sites voltados para a Literatura Capixaba, o sentimento é de frustração. Infelizmente, há pouquíssimos sites que fazem uma abordagem do que se produz em literatura no Espírito Santo, hoje. Os nomes dos escritores locais são mais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo, email: donna@panelaliteraria.com.br.

<sup>3</sup> Mestre, professora de Jornalismo co-autora, email: emanente@yahoo.com.

<sup>4</sup> Estilo ou técnica de texto jornalístico no qual a matéria é escrita de forma mais objetiva e curta.

<sup>5</sup> Conhecido também como lide é o primeiro parágrafo da matéria em que contém as principais informações do texto. Ele é uma característica específica da técnica pirâmide invertida.

<sup>6</sup> São os critérios utilizados para decidir quais assuntos serão trabalhados. A relevância do assunto e seu ineditismo, por exemplo, são alguns dos critérios utilizados.



conhecidos de quem, realmente, estuda Literatura. Quando se chega ao público em geral, esse conhecimento ainda não foi difundido de forma ampla.

Assim como a literatura produzida no Estado é pouco difundida na Web, o Jornalismo Literário ainda galga seu espaço na rede. A Internet tem como características específicas a agilidade em noticiar e o conteúdo escrito em textos curtos e objetivos, subsidiados por fotografias, vídeos e links. Essa pressa intimida o desenvolvimento de matérias mais apuradas, subjetivas, trabalhadas e criativas, e, conseqüentemente, mais longas e incomuns para o público que está acostumado com um tipo de texto amplamente inverso. Esse fato contribui para o empobrecimento da complexidade que há por trás de um fato noticioso, e também, para o acanhamento de produções jornalísticas mais profundas e completas na Web.

O Jornalismo Literário começou a ser mais disseminado com a chegada dos blogs. A maioria dos sites existentes no país apenas reaproveita matérias literárias já publicadas nos veículos impressos, como fazem as páginas online de revistas como a Trip<sup>7</sup>, TPM<sup>8</sup>, Piauí<sup>9</sup> e Brasileiros<sup>10</sup> que usam seus endereços eletrônicos como suporte a mais para o veículo.

Enquanto houver extrema escassez de produtos midiáticos propostos a valorizar a literatura do Espírito Santo, ela continuará desconhecida e à margem da produção literária nacional. E também, o público interessado permanecerá com poucas fontes de pesquisa de fácil acesso, deixando um tanto obscura uma parte importantíssima da identidade do Estado.

### **Texto Jornalístico**

O texto jornalístico, basicamente, trata-se das narrativas tradicionais apresentadas pelo jornalismo. É regido por dois princípios: basear-se em fatos comprovados e verificados e dar respostas aos acontecimentos conflituosos vividos no dia a dia. O texto jornalístico tem importância fundamental para a formação de um leitor crítico. Mas, fato é que cada veículo tem sua leitura da realidade, a qual é diretamente passada ao tipo de construção de texto.

O Jornalismo Literário tem como uma de suas principais características a aproximação com as técnicas de escrita utilizadas pela literatura de ficção. Devido o uso

---

<sup>7</sup> <http://revistatrip.uol.com.br>

<sup>8</sup> <http://revistatpm.uol.com.br>

<sup>9</sup> <http://www.revistapiaui.com.br>

<sup>10</sup> <http://www.revistabrasileiros.com.br>



do estilo de construção de obras ficcionais dentro do jornalismo, e também, a elaboração de obras literárias com caráter de veracidade, mas sem compromisso com a realidade; gerou-se uma polêmica entre teóricos acerca das diferenças dos textos jornalístico e literário.

Para Reynaldo Damázio (2008, p. 8), “a obra de ficção transfigura o mundo das aparências, do senso comum, do empirismo, da ciência, e propõe novas realidades, possíveis ou imaginadas”. Já o jornalismo “tem um compromisso ético com a verdade. Sua função é informar o leitor de modo claro e isento, registrando o ocorrido com exatidão. O escritor, por sua vez, tem objetivos mais ambíguos, de ordem estética, e o seu trabalho necessita de uma participação ativa do leitor na decodificação dos jogos de linguagem que manipula”.

“O imediatismo, a precisão e a imparcialidade (elementos do texto jornalístico tradicional), que são essenciais na imprensa, não fazem parte dos mecanismos de formação de um texto de ficção” (DAMÁZIO, 2008, p. 8). Isabel Siqueira Travancas (2001, p. 62) segue uma linha semelhante e defende que “o texto jornalístico não está amarrado à idéia de originalidade, mas tem a obrigação de trazer uma novidade, já que a essência da imprensa é a notícia”. A jornalista reitera que “a escrita jornalística possui uma linguagem própria, muito específica, com particularidades que a diferencia da literária”.

Todavia, há uma grande polêmica existente entre o pequeno limiar do texto jornalístico com a escrita literária. Para Cristiane Costa (2008, p. 17), tanto jornalista quanto escritor trabalha “com a mesma matéria-prima, a palavra, em vários momentos o muro que separa um discurso do outro se tornou apenas uma linha tênue. E, aspectos da narrativa jornalística acabaram por se incorporar, ou mesmo renovar, o texto literário (e vice-versa)”. Já Graize e Lopes (2006, p. 38) concluem que “o jornalista, assim como o escritor literário, imerge sua realidade na escrita e no modo de conduzir a história, retratar seus personagens e descrever o ambiente. Os autores incorporam-se nos seus personagens, exibem seus reflexos na descrição e na narração dos fatos. E nesses pontos, o texto de jornalismo literário está tão próximo da literatura quanto do jornalismo”.

Outro ponto questionado na polêmica do discurso caloroso entre os que defendem que o texto jornalístico é, e dever ser diferente da narrativa literária, e os que defendem exatamente o oposto, é a questão da objetividade.



Não há literariedade ou objetividade num texto, mas traços, marcas que só podem ser relativamente definidas tendo em vista um processo que só pode ocorrer a partir de uma análise que não se faz levando em consideração, exclusivamente, o tipo de linguagem, mas relações sógnicas que são ressaltadas no texto e, também, a produção do sentido – função do receptor (RESENDE, 2002, p. 76).

### **Pirâmide invertida**

Quase unanimidade na imprensa, a pirâmide invertida – jargão jornalístico para identificar um tipo de formato de texto em que a parte mais importante da notícia é colocada logo no início – é a técnica, ainda hoje, mais usual da narrativa jornalística, pois poupa tempo do leitor e permite que o texto seja cortado para adequar-se ao espaço editorial disponível (CASTILHO, 2006).

“De acordo com o livro *O Segredo da Pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo*, uma das primeiras matérias a adotar a técnica da pirâmide invertida teria sido publicada no jornal *The New York Times* em abril de 1861” (apud. LOPES e GRAIZE, 2006, p.16). Esse formato começou a ser utilizado amplamente a partir da segunda metade do século XX, por conta, sobretudo, das agências de notícia norte americanas. A técnica consiste, exatamente, “em dispor as informações de um texto jornalístico por ordem decrescente de importância.” (PINHO, 2004, p. 207 e 208).

A pressa em transmitir de forma ágil a informação ao leitor sem precisar “prendê-lo” até o final da notícia para que entenda o conteúdo completo e o espaço bastante limitado para as matérias jornalísticas, que têm que competi-lo com os informes publicitários, garantem a vida longa da pirâmide invertida e uma atenção cada vez menor às grandes reportagens. Entretanto, para Pedro Celso Campos

uma técnica não exclui a outra; pelo contrário, todas contribuem para o aprimoramento do jornalismo. Afinal, ora o texto depende do *lead* (por questão de espaço, de pressa etc), com técnicas de pirâmide invertida para prender a atenção do leitor, ora há espaço, tempo e, sobretudo, recursos, para a grande reportagem, para o texto de fôlego. São vários modos de prestar serviço ao leitor e seria uma perda de tempo discutir qualquer tipo de concorrência entre as técnicas. Até porque seria muito pobre reduzir o jornalismo a técnicas (CAMPOS, 2009, p. 1).



Com a tônica de criar uma nova identidade para os escritos jornalísticos e deixar de usar a fórmula da pirâmide invertida, tida como obrigatória para qualquer texto jornalístico, o Jornalismo Literário implantou uma nova forma de fazer jornalismo, sem perder o rumo da informação apurada e bem escrita, mas com um toque muito mais generoso de criatividade.

### **Jornalismo Literário**

O jornalismo tem como fonte vital o fato novo, desconhecido e que pode causar surpresa. A matéria-prima do jornalismo, sem dúvida, é a notícia. “A notícia é, portanto, quase sempre surpreendente. A novidade é a alma do negócio da imprensa. Nessa busca pela novidade, mesmo velhos fatos devem aparecer vestidos de novos, maquiados para voltar a surpreender” (SERVA, 2001, p. 50). O jornalismo trabalha principalmente em duas vertentes: na cobertura do cotidiano com as notícias factuais e com as grandes reportagens, que são matérias mais aprofundadas e completas.

Nas redações dos jornais norte-americanos das décadas de 1950 e 1960 foram identificadas duas categorias de repórteres: a dos que brigavam diariamente pelos furos jornalísticos, colocando o jornal na disputa pela cobertura mais eficiente dos fatos da cidade; e a dos conhecidos como *escritores de reportagens especiais* (LOPES e GRAIZE, 2006). Quem identificou essa divisão foi Tom Wolfe, jornalista que ficou consagrado, juntamente com o norte americano Gay Talese, como os pais do Jornalismo Literário.

Os repórteres *escritores de reportagens especiais* não tinham um envolvimento direto com notícias factuais e não pertenciam à correria de quem apurava e escrevia sobre os acontecimentos diários. Por isso, eram mais sensíveis às suas fontes e ao assunto em questão. Permitiam-se, assim, um maior uso da observação e da criatividade para construir textos com cuidados maiores com a escrita, mais profundos e com retoques de romance, visitando, assim, a forma de escrever ficção.

Com essa nova narrativa baseada na literatura ficcional, sobretudo influenciada no realismo social – conduzida por autores como Dostoievski, Dickens, Tolstoi e Balzac –, o jornalismo passou a experimentar novas e diversas possibilidades de estilo. Com isso, as publicações passaram a não se restringir, apenas, aos assuntos triviais e às notícias corriqueiras de leitura rápida e mecânica, dando ênfase, também, ao que anteriormente não seria classificado como importante a ser noticiado. Com essa gama



de alternativas de reportagem, os leitores passaram a ler matérias de jornal como se estivessem lendo uma obra de ficção.

As coisas mais importantes que se tentava em termos de técnica dependiam de uma profundidade de informação que nunca havia sido exigida no trabalho jornalístico. Só através das formas mais investigativas de reportagens era possível, na não-ficção, usar cenas inteiras, diálogo extenso, ponto de vista e monólogo interior (WOLFE, 2005, p. 37-38).

### **Jornalismo Literário no Brasil**

No Brasil, na imprensa da primeira metade do século XIX, não havia exatamente uma separação entre jornalismo e literatura. Na época, inúmeros escritores trabalhavam em jornais, como Gonçalves Dias e José de Alencar, e eles não tinham muito compromisso com a construção de textos objetivos. A necessidade de evolução nas técnicas de tratamento de mensagem deu-se, sobretudo, depois que o texto jornalístico foi evoluindo de notícia<sup>11</sup> para reportagem<sup>12</sup>. Assim, os jornalistas utilizavam a arte literária para tratar do real (LIMA, 2004).

Considerado o primeiro repórter investigativo do Brasil, João do Rio apostou, no início do século XX, “num jornalismo investigativo e de comportamento, em que crônica e reportagem se misturam”. João do Rio “também inovou ao levar a técnica jornalística para dentro da ficção, procedimento que voltaria a ser utilizado pelos escritores jornalistas da década de 60” (COSTA, 2008, p. 18 e 19). O repórter e escritor brasileiro mostrou, antes mesmo da revolução nas redações norte americanas, as possibilidades de fundir o mundo do jornalismo com a literatura em prol de um texto diferente e mais profundo.

Entre as publicações, a revista *Realidade* e o jornal *O Pasquim* foram os grandes adeptos do Jornalismo Literário nos anos 1960.

### **Webjornalismo Literário**

Ao se abordar as diversas nomenclaturas relacionadas com o suporte técnico que há para o jornalismo praticado na, para ou com o auxílio da Internet, não há um

---

<sup>11</sup> Para Franceschini (2004, p. 148), a notícia é o relato de um fato novo. Tem caráter imediatista.

<sup>12</sup> De acordo com Franceschini (2004, p. 150), a reportagem tem um caráter permanente. Trata de assuntos, e não necessariamente de novidades.



consenso. São citados termos como jornalismo eletrônico, jornalismo digital, ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo (MIELNICZUK, 2003).

O que reporta à ideia de conexão em tempo real, em que o fluxo de comunicação é contínuo, é o termo *online*, onde o jornalismo facilmente se adequou com o chamado *texto plataforma*<sup>13</sup>, em que as notícias são escritas de forma objetiva e curta, propiciando uma leitura rápida e no mesmo momento no qual acontece o fato. Já o webjornalismo refere-se à utilização de uma parte específica da Internet: a Web, e nesse espaço, o Jornalismo Literário não passa de um embrião.

Assim como todo meio tem sua própria narrativa e linguagem, a Internet se utiliza da convergência dos formatos de mídias tradicionais (imagem, texto, som e vídeo) na narração de um fato jornalístico. Possibilita a interatividade em que o leitor sente-se parte do processo jornalístico por meio de opinião e troca de e-mails com a fonte, como também apresenta a interconexão de textos por meio de links (PALACIOS, 2002). Em pesquisa exploratória, notou-se que a maioria dos conteúdos escritos em Jornalismo Literário são reaproveitamentos de matérias já publicadas em veículos impressos ou a página é utilizada como complemento e suporte do que já foi publicado, como fazem as revistas *Trip*, *TPM*, *Piauí* e *Brasileiros*. A revista eletrônica *Texto Vivo*, mantida pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), é uma das poucas páginas online que elabora conteúdo em Jornalismo Literário publicado específico na Internet.

A atual característica do reaproveitamento de materiais impressos na disseminação de conteúdos em Jornalismo Literário na Web integra a primeira fase do webjornalismo.

John Pavlik (2001) faz uma sistematização das fases do webjornalismo, tendo como foco a produção de conteúdos e identificando três fases. Na primeira, dominam os sites que publicam material editorial produzido, em primeira mão, para as edições em outros meios, às quais o autor denomina de “modelo-mãe” (apud. MIELNICZUK, 2003, p. 6 e 7).

O Jornalismo Literário na Web, assim como no impresso, rompe com as amarrações do lead e mostra a reportagem de forma mais humanizada e profunda. Todavia, seu grande desafio é fazer com que os leitores se prendam a um texto que foge

---

<sup>13</sup> Entendo por *texto plataforma* o conteúdo escrito especificamente para Web. Ele deve conter, em média, 30 linhas, que é o tamanho da tela do computador.



do conteúdo que vigora na Internet, que abre mão da pirâmide invertida e, conseqüentemente, é mais extenso que o texto plataforma; e também, vencer um dos seus grandes vilões: a pressa.

### **Perfil biográfico**

O perfil é um dos gêneros mais nobres do Jornalismo Literário. “Consiste em um tipo de texto biográfico sobre uma – uma única – pessoa, famosa ou não, mas viva, de preferência” (BOAS, 2008, p.38). Entretanto, não se trata exatamente de uma biografia, que já é outro gênero. A biografia prende-se a fatos, é extremamente detalhada. Enquanto que o perfil parte de uma observação direta da fonte, prendendo-se, assim, a alguns aspectos do personagem em foco.

Há mais de um século os perfis fazem parte de periódicos, entretanto, foi a partir da década de 1930 que o gênero ganhou força nos jornais e revistas (BOAS, 2003). Inicialmente, “os personagens mais retratados eram os olímpianos do mundo das artes, da política, dos esportes e dos negócios”. Os perfis se tornaram populares em revistas norte americanas como *The New Yorker*, *Esquire*, *Vanity Fair*, *Harper’s* e *Atlantic*. Ao indicar como se deve fazer um perfil biográfico, Sergio Vilas Boas diz que

[...] para fazer um bom perfil (aprendi isso com meus próprios erros) é preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir. Você tem de pesquisar os contextos socioculturais da pessoa; conversar com ela e com os convivas dela; movimentar-se com ela por diversos locais, evitando o simples “de frente” (pingue-pongue trivial transformado depois em texto corrido); tem de observar as linguagens verbais e não verbais da pessoa; e examinar com carinho as reflexões que ela lhe oferece sobre o passado, mas também, e principalmente, sobre a fase atual (BOAS, 2008, p. 41).

Ponto crucial do perfil é a humanização. “O primeiro passo para humanizar é evitar pensamentos binários do tipo ‘santo ou demônio’, ‘algoz ou vítima’, ‘melancólico ou eufórico’” (BOAS, 2008, p. 41). A qualidade do texto de um perfil depende muito da observação e de um bom personagem. Alguém com uma história de vida ou uma maneira de agir rica, interessante, fora do comum é meio caminho andado para a elaboração de um bom texto. Entretanto, é importantíssimo não ser seduzido





pelo perfilado e o idealizar. “As pessoas são o que são. E que assim sejam” (BOAS, 2008, p. 41).

### **Literatura do Espírito Santo**

A Literatura Capixaba, para muitos que nasceram no Espírito Santo, é desconhecida. Quando isso é pensado em nível nacional, a produção literária local fica ainda mais marginalizada. Mas, não é apenas o fato de o Estado ser pequeno e o menos expressivo da região Sudeste, pois a questão é, também, histórica e cultural.

Percebi que a principal marca da Literatura do Espírito Santo é a marginalidade, visto que sempre estivemos à margem do poder no Brasil. Seja geograficamente, pois os centros de poder se deslocaram, historicamente, à nossa volta, seja culturalmente, visto que a cultura capixaba sempre buscava um modelo, espelho provinciano a refletir o que enxergava nas matrizes (RIBEIRO, 1996, p. 9).

A literatura brasileira foi iniciada com os jesuítas liderados pelo padre Manoel de Nóbrega, mais precisamente com o *Diálogo sobre a conservação do gentio*, escrito em 1557. No entanto, quem deu o pontapé inicial na produção literária brasileira no Espírito Santo foi o padre José de Anchieta com suas escritas em português, espanhol e tupi-guarani. “Anchieta pode ser considerado o primeiro poeta capixaba, como afirma Elmo Elton em sua antologia” (RIBEIRO, 1996, p.14). Durante 400 anos, o Estado viveu à margem dos centros e, sua produção, resvalava-se a ser pobre e insignificante: o reflexo dessa marginalidade periférica. Nenhum registro literário restou da literatura jesuítica no Espírito Santo.

Ribeiro (1996) aponta duas classificações feitas por Afonso Cláudio referentes aos dois momentos literários da história da literatura capixaba ou do Espírito Santo, que são: “período de agregação” (1770 a 1870) e o “período de expansão consciente” (1871 a 1907). O primeiro tem como característica o aparecimento de poemas que se aproveitam da reprodução dos painéis de natureza física e de manifestações que reprimem os afetos e sentimentos íntimos e gerais, o segundo é caracterizado pela autonomia no modo de exprimir impressões e formular conceitos.

O marco do início do século XX no Espírito Santo foi a fundação da Academia Espírito-santense de Letras, em 1921; e o quinzenário *Vida Capixaba* (1923 – 1955),



que teve papel importante ao moldar o talento dos escritores que ali publicavam seus trabalhos. Com a industrialização e o crescimento da Grande Vitória, nos anos 1970 e 1980, houve o aumento da população, inclusive a escolarizada, o que propiciou a formação de um público leitor cativo e o desenvolvimento das Letras no meio acadêmico. Com isso, aconteceu o desenvolvimento da literatura no Espírito Santo, “que, pela primeira vez, se desatrelou dos grandes centros (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador) para se profissionalizar” (RIBEIRO, 1996, p. 26).

Ribeiro, na conclusão de *Literatura do Espírito Santo – uma marginalidade periférica*, reitera e lamenta que “a literatura do Espírito Santo continua à margem da produzida nos grandes centros do país, à periferia do Rio, São Paulo, Belo Horizonte ou Brasília, assim como a produção cultural de todos os outros estados brasileiros.” Mas, o escritor enaltece que ela “não mais depende cultural, intelectual e economicamente para existir. Ela criou mecanismos para sobreviver” (1996, p. 28).

Este trabalho foca sua pesquisa – apenas por um aspecto de delimitação – nos escritores capixabas que lançam (ou lançaram) em editoras nacionais. São eles: Bernadette Lyra, Elisa Lucinda, Reinaldo Santos Neves, Casé Lontra Marques, Caê Guimarães, Viviane Mosé e Oscar Gama Filho. Foi acrescentado Adilson Vilaça, mesmo não tendo ele lançado em editora nacional, devido a importância de sua obra e, também, por ser um dos escritores capixabas cobrados no vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

## **Metodologia**

A metodologia empregada no desenvolvimento prático do presente trabalho seguiu três etapas: 1 – Estudo bibliográfico sobre Jornalismo Literário, que é o estilo de texto jornalístico com o qual foi escrito o conteúdo do site e sobre a Literatura Capixaba. E também, pesquisa sobre os entrevistados; 2 – Entrevistas com as fontes escolhidas; 3 – Produção do conteúdo e do site com base nas entrevistas e no que foi estudado na pesquisa bibliográfica.

## **Metodologia de Pesquisa**

Para a elaboração deste projeto, foi feito primeiramente um estudo bibliográfico acerca do Jornalismo Literário. Para Beuren (2003, p.89), “a pesquisa bibliográfica utiliza-se principalmente das contribuições de vários autores sobre determinada temática de estudo.” E, dessa forma, foi possível obter conhecimento histórico sobre como ele



revolucionou as redações dos jornais pegando emprestadas características da narrativa literária para construir reportagens num estilo totalmente inovador, diferente do que antes era escrito de forma padronizada e objetiva.

A pesquisa bibliográfica sobre Jornalismo Literário foi baseada em publicações que contam a história desse estilo, tido para muitos como um movimento ou corrente. Publicações e estudos científicos sobre a literatura do Espírito Santo foram deveras difíceis de serem encontrados. Infelizmente, no Estado há pouca pesquisa pertinente a essa área. Mas, neste meio se destaca o professor Francisco Aurelio Ribeiro, que em duas obras – *A Literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica e A Modernidade das Letras Capixabas* – traça nos panoramas econômico, social, histórico e cultural a literatura produzida no Estado.

Após a pesquisa sobre Literatura Capixaba, foi feito um levantamento junto a estudiosos da área literária para fazer o mapeamento de quem são os escritores locais que lançam ou lançaram suas obras em editoras nacionais. A escolha por estes personagens, de modo específico, é meramente para delimitar quem serão os perfilados do site construído.

Sobre os perfilados em questão, foram feitas pesquisas em jornais, sites e livros sobre suas bibliografias e informações de vários aspectos para subsidiar a entrevista. “Complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo” (LAGE, 2001, p. 134).

Como o presente trabalho realiza a elaboração de um site, foi feita também uma pesquisa bibliográfica acerca da cibercultura<sup>14</sup> e do que a envolve. “O crescimento do ciberespaço<sup>15</sup> resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem” (LEVY, 1999, p.11). O estudioso acrescenta que “estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe a nós somente explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano”. Levy elucida ainda mais as múltiplas possibilidades que há dentro da cibercultura, um mundo virtual tão vasto que permite que várias lacunas continuem sem ser exploradas em sua totalidade – mesmo mais de dez anos depois da afirmação de Levy –, como é o caso do Jornalismo Literário.

---

<sup>14</sup> De acordo com Pierre Levy, a cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço.

<sup>15</sup> O ciberespaço, também chamado de rede, consiste no meio de comunicação que surgiu com a interconexão mundial dos computadores.



## **Metodologia de Produção**

A primeira etapa da metodologia de produção foi as entrevistas com os perfilados em questão. “Para fazer um bom perfil é preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir” (BOAS, 2008, p. 41). Lage (2001, p. 73) identifica a entrevista como “um procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão de consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. A entrevista classificada por Lage como “em profundidade” é a utilizada para construir perfis biográficos.

O objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões (LAGE, 2001, p. 75).

A entrevista feita com o objetivo de produzir um perfil biográfico baseou-se não somente nas perguntas e respostas junto ao entrevistado, mas na observação. Para enriquecer o texto, foi observado tudo ao redor que permeava o diálogo travado, como os trejeitos, o tom de voz e as manias perceptíveis do perfilado, o local onde aconteceu a conversa e até mesmo a decoração do ambiente. Tudo foi extremamente válido no momento de construir os textos que retratam os personagens.

## **Arquitetura da informação**

A arquitetura da informação de um site constitui-se no estudo e aplicação de princípios e técnicas que propiciam o desenvolvimento e a estruturação de recursos eficientes de informação digital, ou seja, procura construir uma estrutura organizada para a navegação e busca de informações, facilitando o percurso do usuário até a informação (apud. TOMAEL, 2009, p. 15).

*Acessibilidade:* Embora escrito em Jornalismo Literário, a informação disponível na página é de fácil e rápida leitura, legível no sentido de ser visualmente nítida. A página hospeda-se no endereço <http://www.panelaliteraria.com.br>.



*Usabilidade*<sup>16</sup>: Para que a página seja eficaz, as ferramentas<sup>17</sup> são utilizadas de forma coerente, objetiva e de fácil acesso. A estética do site é “limpa”. Optou-se por usar cores neutras (preto, branco e cinza), resultando num layout limpo e claro, dando maior destaque ao texto.

*Navegação*: Quanto à interatividade, o site conta com o serviço de comunicação com as autoras, onde os leitores podem enviar mensagens e obter respostas de caráter humano, não eletrônico. Há uma caixa de comentários abaixo de cada perfil para comentar o texto. A composição do conteúdo é subsidiada pelo uso de fotos dos entrevistados estáticas e em movimento (em forma de slides) para tornar o site mais dinâmico. Como o tema central deste projeto parte da cultura do Espírito Santo, há na *index* um mosaico de fotos do Estado.

*Rotulagem*<sup>18</sup>: O conteúdo do site, basicamente, são os perfis e artigos produzidos. No cabeçalho da página, há um menu em que o leitor pode acessar os perfis, a explicação sobre o projeto, artigos, quem produziu os conteúdos, fazer contato, cadastro e deixar comentários. Como não há “entrevista principal”, pois todos os perfilados são de igual valor e importância, optou-se por exibição rotativa dos perfis, na capa. A cada entrada no *Panela Literária*, um diferente perfil aparece. Um box de chamada dos artigos é constante, como também o de chamada para os perfis.

*Atualização*: Pretende-se continuar as entrevistas com escritores do Espírito Santo, ampliando o leque do recorte mantido para delimitar o objeto de estudo, e entrevistando não só escritores que lançaram em editoras nacionais.

## **Considerações finais**

Durante o decurso deste trabalho, pudemos tomar maior consciência de que a possibilidade gerada pelo Jornalismo Literário da humanização do relato é algo que deveria ganhar – e está nesse caminho – maior atenção por parte dos periódicos, que, preocupados com o furo jornalístico, se esquecem de personagens da vida real, que até mesmo integrados ao relato da notícia gerada pela cobertura do dia a dia, só vêm a enriquecer o conteúdo. É preciso um maior desapego da prática e texto jornalístico de fórmulas, de leads, do óbvio.

---

<sup>16</sup> De acordo com Maria Inês Tomael (2009, p.16), “usabilidade são recursos utilizados para aprimorar e facilitar ao usuário a consulta ou uso efetivo da informação”.

<sup>17</sup> Quando é citado ferramentas, refere-se a links e campos de busca.

<sup>18</sup> É o “uso de ícones, palavras ou termos para representar um conjunto de informações, com o propósito de facilitar a navegação” (apud. TOMAEL, 2009, p.18).



Muitas vezes temos uma visão mítica de escritores e, na produção deste projeto, pude ver de perto que eles também são personagens da vida real, engajados cada um a seu modo na cultura do Espírito Santo. A Literatura Capixaba é como os muitos personagens do cotidiano que são extraordinários, mas, passam despercebidos das coberturas jornalísticas, que se atém, na maioria das vezes, a um texto objetivo e frio, no caso da literatura, a uma preferência por autores que figuram no eixo Rio-São Paulo.

## Referências

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet – Planejamento e Produção da Informação Online**. São Paulo: Editora Summus, 2004.

BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Editora Summus, 2003.

BOAS, Sergio Vilas. **Perfil, o gênero nobre do jornalismo literário**. Revista Biblioteca Entrelivros, edição nº 11. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

CAMPOS, Pedro Celso. **Jornalismo literário - do outro lado da pirâmide invertida**. Bibliocom. São Paulo: Intercom. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/bibliocom/doi/pdf/pedrocelsocampos.pdf>>. Acesso em: 06 maio. 2009.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo – Considerações gerais sobre jornalismo na Web**. Portugal: Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>.

CASTILHO, Carlos. **Para que serve a pirâmide invertida?** Rio de Janeiro: Observatório da Imprensa, 2005. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO001>>.

COSTA, Cristiane. **Literatura vs. jornalismo no Brasil**. Revista Biblioteca Entrelivros, edição nº 11. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

DAMÁZIO, Reynaldo. **Entre o imediato e a transcendência**. Revista Biblioteca Entrelivros, edição nº 11. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

DIOGO, Gabriel Senna et al. **Jornalismo Literário: das páginas do impresso à hipermídia**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas. Belo Horizonte: Intercom, 2008. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/expocom/EXP-3-0269-1.pdf>>.



FRANCESCHINI, Felipe. **Notícia e reportagem: sutis diferenças**. Rio de Janeiro: Comum, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. São Paulo: Record, 2001.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

LOPES, Vitor & GRAIZE, Vitor. **Sensações e apropriação: Ensaios e reportagens sobre a cidade de Vitória no início do século XXI**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 2006.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre Jornalismo na Web**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2003. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/2003/mielniczuk2003.doc>.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate**. Portugal: Universidade da Beira Interior, 2002. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaomemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf).

PENNA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Fernando Antonio. **Textuação: ficção e fato no Novo Jornalismo de Tom Wolfe**. Belo Horizonte: Annablume Editora, 2002.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. **A Literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica**. Vitória: Nemar, 1996.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. **A Modernidade das Letras Capixabas**. Vitória: FCAA/APDC - Ufes, 1993.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. São Paulo. Editora Senac, 2ª edição, 2001.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O livro no jornal**. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2001.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.